

AULA DE ABERTURA DO CURSO "GEOGRAFIA COMPARADA NO ESPAÇO E NO TEMPO"¹

Élisée Reclus

Tradução e Apresentação:

Sergio Aparecido Nabarro²

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Londrina, PR, Brasil



Rogério Haesbaert³

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Niterói, RJ, Brasil



Enviado em 28 maio 2024 | Aceito em 05 jun. 2024

Apresentação

O texto a seguir foi originalmente elaborado em 1894 para ser proferido durante a primeira aula do curso *Geografia Comparado no Espaço e no Tempo*, ministrado pelo anarquista-geógrafo francês Jacques Élisée Reclus (1830-1905) na Universidade Nova de Bruxelas (Bélgica). Trata-se do quinto texto de Reclus traduzido na seção "Nossos Clássicos" da revista GEOgraphia⁴.

No final do século XIX, após ter realizado expedições em vários países do mundo, incluindo o Brasil, nos quais conheceu realidades bastante distintas da europeia, Reclus coletou valiosas informações para a finalização dos dois últimos tomos da monumental obra *Nova Geografia Universal* (composta por 19 volumes). No entanto, após a conclusão, o intelectual francês passa a dedicar-se mais às questões inerentes ao método em Geografia, tanto para a pesquisa, quanto no ensino. Boa parte de sua última grande obra, *O Homem e a Terra*, composta por três volumes, foi dedicada a este debate.

1. Original: RECLUS, Élisée. Leçon d'ouverture du cours de géographie comparée dans l'espace et dans le temps. In: *Revue Universitaire*. Bruxelas: H. Lamertin, 1894, p. 3-16.

2. Sergio Nabarro é geógrafo, professor da Universidade Estadual de Londrina, e desenvolveu pesquisa pós-doutorado na Universidade de Paris-I (Sorbonne) sobre a questão agrária na obra de Élisée Reclus. E-mail: sergionabarro@uel.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2179-0710>.

3. Rogério Haesbaert é geógrafo, professor da Universidade Federal Fluminense, tendo realizado diversas traduções da língua francesa. E-mail: rogergeoe@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1345-7654>.

4. Os demais foram: "O Renascimento" (tradução e apresentação: Ruy Moreira, GEOgraphia n. 2, 1999), "Fragmento de uma viagem a Nova Orleans" (tradução e apresentação: Rogério Haesbaert, GEOgraphia n. 14, 2005), "O patriotismo é incompatível com o amor pela humanidade?" (tradução: Rogério Haesbaert, GEOgraphia n. 44, 2018) e "A evolução das cidades" (tradução e apresentação: Amir El Hakim de Paula, GEOgraphia n. 49, 2020). Além disso, tivemos artigos como "Élisée Reclus e o Brasil", de Milton Lopes (GEOgraphia n. 21) e "Élisée Reclus: un procto-ecologista?", de Miriam Hermi Zaar (GEOgraphia n. 49).

O texto aqui apresentado, escrito aproximadamente um ano antes do início da redação de sua grande obra metodológica, revela importantes elementos para compreender a Geografia pensada pelo intelectual ácrata, muito distinta dos autores mais conhecidos desta área do conhecimento na época. Além disso, este escrito revela a relação do professor Reclus com seus alunos, aberta e horizontal (“não há entre nós uma relação de mestre e discípulos”, diz ele), baseada na troca de experiências e a partir da qual ele busca dialogar com os educandos e se mostra aberto a mudanças de posição. Além disso, acreditando firmemente que “a verdade torna os homens livres”, manifesta com os estudantes “uma paixão comum, a busca desinteressada da verdade” – uma lição que ganha ainda mais atualidade, hoje, diante de tanto desprezo pelo trabalho intelectual e o conhecimento rigoroso, baseado em “fatos” e “provas”, como nos propõe Reclus.

Além de revelar nele toda sua erudição, com conhecimento sobre vários cantos da Terra, Reclus inicia este texto fazendo uma crítica à Geografia descritiva, acumuladora de dados e nomes, e propõe uma Geografia comparada que não é vista como prerrogativa apenas da chamada ciência moderna. Para ele, desde os primórdios da história humana, “além de observar a natureza e seus fenômenos, os povos tinham um motivo particular para comparar e nominar as diversas regiões”. De algum modo o seu reconhecimento dos saberes populares, da vivência prática dos camponeses, por exemplo, já prenunciava o que hoje denominamos abordagem descolonial, que valoriza o conhecimento revelado por cada grupo cultural em interação com seus espaços de vida. A própria toponímia pode revelar importantes traços geo-históricos e contrastes do espaço geográfico.

Nesta aula Reclus permite observar, também, a importância da Geografia cultural ao reconhecer o papel dos mitos – e dos lugares míticos – ao longo da história, dos “paraísos perdidos” às “terras prometidas” que tanto impulsionaram muitos homens em suas jornadas de conhecimento, domínio e exploração, e que em nome de lugares míticos ampliaram horizontes geográficos. Assim, a religiosidade e as diferentes crenças – ou, mais amplamente, nossas imaginações geográficas – sempre tiveram um papel central na construção do espaço. Junto a elas o autor também permite perceber elementos pioneiros do que hoje denominamos Geografia afetiva ou das emoções, como na afirmação:

Com o amor à terra e o orgulho de sua posse, todos os sentimentos e todas as paixões humanas deram sua contribuição nas origens da Geografia comparada. O medo do desconhecido, o sentido de mistério, conferiram importância capital a determinadas montanhas, lagos, e até mesmo a simples cavernas ou a um filete d’água fluindo na areia.

Ele termina sua aula afirmando que, se não buscamos mais os míticos “paraísos terrestres”, a ciência nos ajuda a pensar organizações sociais de “trabalhadores felizes”. Assim, inspirado em seus ideais anarquistas, Reclus crê na difusão de comunidades alternativas moldadas no ideário moderno de progresso vivenciado naqueles tempos:

Se não buscamos mais a descoberta de paraísos naturais, por todos os lados nos perguntamos se não seria possível criar novos Édens pelo trabalho e pela boa harmonia. O mundo mudou de direção: não olha mais para o passado. Centenas de colônias e falanstérios foram fundadas nos Estados Unidos, no México, no Brasil, na Austrália, e mesmo na velha Europa e na maciça África, pelas quais se busca, com maior ou menor êxito, estabelecer sociedades de trabalhadores felizes.

Boa leitura!



Convidado, a partir de circunstâncias improváveis, a começar esta série de leituras sobre Geografia comparada, gostaria, primeiramente, de agradecer o acolhimento de todos vocês, estudantes livres, que me convidaram para conversar sobre a ciência que eu amo e na plenitude da minha independência. Terei apenas uma maneira de demonstrar meus sentimentos: dedicando a vocês uma paixão comum, a busca desinteressada da verdade. E por essa paixão somos irmãos, pois acreditamos na frase dita há dois mil anos: "É a verdade que nos tornará livres!"

Se continuarem comigo neste mandato que me foi conferido hoje, não esquecerei este vínculo que nos aproxima e farei todos os esforços para que possamos estudar juntos. Sem dúvida, seria difícil ministrar atualmente essas conferências de modo apropriado, realizando entrevistas, conversações entre iguais, mas se sou o único a falar, certamente perceberei palpitem suas dúvidas ou objeções. Compreendendo seus pensamentos, aproveitarei para corrigir os meus ou para insistir neles. Não há entre nós uma relação de mestre e discípulos. Dirijo-me a pessoas, e espero que vocês não se deem ao trabalho de acreditar em mim apenas por minha palavra. Exporei os fatos, mas peço que vocês verifiquem o que digo. Formularei conclusões, mas vocês discutirão minhas razões e questionarão minhas provas. Vocês irão bater no metal para saber se ele tem ressonância e, especialmente, se é de boa qualidade. Graças a vocês poderei, provavelmente em muitos casos, modificar minhas ideias preconcebidas e dar à minha compreensão das coisas uma forma mais precisa. Agradeço, desde já, pela contribuição que vocês me trarão.

Agora, ao trabalho!

Talvez o que eu tenho a lhes dizer parecerá pouco especial para alguns de vocês. Por isso, antecipadamente, peço desculpas. Mas terei ao menos um mérito, serei breve.

A Geografia, tomada em seu sentido estrito e percebida de modo exclusivo, é uma das áreas de estudo mais perigosas. A propósito, qual é a ciência que podemos petrificar, dessecar, tirar toda a sua seiva e reduzir a nada quando a estudamos isoladamente, sem grandeza de espírito, sem ampliar concepções? Todo conhecimento humano deve ter sua parte de humanidade. Seria melhor não ter aprendido nada e manter sua inteligência livre, apta a receber impressões totalmente novas, que encher seu cérebro com uma imensa confusão que não responde a ideia alguma. O que nos importam os nomes, de cidades, de vilas, de aldeias, de povos ou tribos? O que nos mostram os graus de latitude e longitude, as coordenadas astronômicas listadas em centenas e milhares, a interseção infinita de linhas oblíquas, paralelas ou normais ao meridiano? E qual é o desprezo que devemos ter em relação a essa caricatura da Geografia, que consiste em desenhar barras coloridas sobre os continentes ou mesmo sobre o movimento dos mares?

A ciência que eu estudo e que os convido a estudar é bem outra. Certamente vocês têm armazenado na memória milhares, ou talvez milhões de fatos, mas vocês os classificarão e os unirão em um corpo de conhecimentos fundamentados e justificados por uma preocupação maior que aquela de nomes e números. A Geografia, que não é uma ciência em si mesma, está relacionada a todas as ciências e as serve como um ponto de apoio sólido, um reservatório infinito para a produção dos fatos. O astrônomo, abarcando imensidão em seus cálculos, vivendo, por assim dizer, em pleno céu e contemplando do alto as evoluções rítmicas do nosso planeta, através do espaço sem fim, teve de estudar esse corpo infinitesimal, a medição precisa dos dias e das estações do ano, a dinâmica local dos climas, para poder compreender todo o sistema sideral. O geólogo estuda as camadas terrestres, suas superposições e inversões, seu modo de formação e transformação, os seres que as habitaram, ou até mesmo que lhes deram vida. O físico e o químico buscam entender as propriedades das substâncias terrestres, as leis das esferas líquida e atmosférica que circundam o globo, os

arrepios do magnetismo que as movimenta, os inúmeros fenômenos da vida planetária dita inorgânica. O naturalista se ocupa da distribuição das plantas e dos animais, a influência do meio no seu desenvolvimento, suas lutas, suas alianças e toda a sua história.

E nós, ao tentarmos abordar a “Geografia comparada”, com o que relacionaremos o estudo da Terra senão ao Homem? No estudo das diversas características do planeta, suas relações mútuas de justaposição e influência, nas mudanças promovidas pela série de eras, o elemento de comparação que sempre teremos diante dos olhos será a sociedade humana. A história da Terra e a da humanidade, em suas ações e reações contínuas, desde as origens conhecidas até os tempos que ainda virão, será o objeto do nosso estudo. Para resumir nosso pensamento, buscaremos compreender a evolução da humanidade em relação às formas terrestres e a evolução das formas terrestres em relação à humanidade.

Da maneira como a compreendemos, a Geografia comparada não é uma conquista do pensamento moderno: ela nasceu ao mesmo tempo que as primeiras sociedades humanas, séculos antes da época da ciência precisa, e misturou-se aos nossos mitos mais antigos. Nossos ancestrais mais antigos já haviam apreciado perfeitamente os contrastes que as várias partes da Terra apresentam como locais de habitação e nos disseram isso em suas canções, em suas lendas e, principalmente, nos nomes dos lugares que cobriram o mundo. Eles observavam todas as diferenças de solo, de relevo, de orientação, de flora e seus aspectos, e denominavam as regiões de acordo com suas características opostas. Em algumas áreas, da Bélgica, por exemplo, existem passagens abruptas das dunas para os pântanos, das terras salinas para os aluviões fluviais, da lama aos areais e das planícies para as colinas. Nestas áreas, as denominações foram impostas de acordo com o contraste geográfico. Mas, mesmo nos lugares em que as transições ocorrem por nuances quase imperceptíveis, objetos notáveis, como pedras, nascentes ou árvores permitiram demarcar a área com um nome próprio característico. Desse modo, as quatro mil línguas faladas na superfície terrestre foram usadas para designar os lugares nominados por milhões de termos distintos. Estes termos, que constituem uma Geografia comparada pré-histórica, se destacam singularmente, com propriedade, de forma pitoresca e poética, em comparação aos nomes que os colonos europeus espalham pelo Novo Mundo. A revelação dessa nomenclatura primitiva, iniciada especialmente por Egli na obra *Nomina Geographica*, poderá, quem sabe um dia, tentar um de vocês.

Além de observar a natureza e seus fenômenos, os povos tinham um motivo particular para comparar e nominar as diversas regiões. Naturalmente, cada grupo humano, acreditando estar sozinho no mundo, pelo menos sozinho para merecer a felicidade, dava um valor excepcional ao pedaço de terra que habitava; as outras regiões lhe pareciam inferiores porque não as pertenciam. Além disso, tal região é realmente tão bela que seus habitantes compreendiam espontaneamente todas as suas vantagens; a vaidade natural de qualquer raça lhes permitia, sem muitos erros, imaginar que eles possuíam uma área constituída por um solo mais nobre que o de outras regiões do mundo. Entendemos esse orgulho coletivo de todo um povo e sua alegria em habitar uma terra escolhida, quando um país tem a beleza da planície gangética e os litorais de Konkan e Malabar! Há mais de vinte séculos, ou provavelmente desde um período muito mais antigo, os geógrafos indianos, fazendo uma generalização ousada, souberam reconhecer a maravilhosa unidade de sua península, rodeada por mar e montanhas e, em sua febre de poesia grandiosa, imbuída na ideia de uma incessante evolução na natureza, compararam esse grande corpo peninsular a uma imensa flor, na qual cada província era uma pétala ou sépala e cada montanha um estame ou pistilo. O sábio Sandjaya descreve no Mahabharata sua terra natal como uma flor de lótus, que flutua sobre as águas, descrição que foi reproduzida na maior parte das obras hindus – apenas o número de divisões florais varia de acordo com as divisões étnicas ou políticas do território, bem como de acordo com a imaginação dos poetas. A todos, a grande flor hindu parecia viva e, por mais inconsistentes que sejam suas comparações em

relação à precisão dos contornos revelados pelas medições modernas, ela corresponde muito melhor à verdadeira delimitação da Índia do que o traçado grosseiro representado por Ptolomeu sobre a sua rede de meridianos e paralelos.

A China, assim como a península gangética, é poeticamente denominada de Tchung-Hoa, que significa *Flor do Meio*. Este nome seria importado da Índia pelos missionários budistas, ou teria nascido no próprio país para designar a região fértil entre todas as áreas nas quais se ramificam os canais de dois grandes rios gêmeos? Provavelmente, devemos vê-lo apenas como um termo retórico, como o de Hoa-Kuo, a "Terra das Flores" no sentido de "Terra da Cordialidade" por excelência. De qualquer forma, ele implica bem, entre os que o empregam, uma ideia de superioridade de seu país sobre todos os outros⁵. A "Flor do Meio", tão fértil, cultivada com tanto cuidado, é verdadeiramente uma das regiões vitais do planeta, contrastando, por sua surpreendente riqueza agrícola, com os planaltos frios do Norte ou com as planícies estéreis do Oeste.

E qual país do mundo não tem sua "Região das Flores", seu "Jardim", como os da Índia e da China? Por toda parte do globo terrestre encontraremos lugares dos quais seus habitantes se orgulham, como se a beleza desses lugares se devesse a eles. Até no Círculo Polar Ártico, em regiões onde a longa noite sucede o dia interminável, cortado por tempestades e neve, os Chukchis⁶, os esquimós, os groenlandeses falam com prazer de um vale gracioso, curvando-se na direção Sul, onde os raios do sol aquecem melhor o homem, onde as flores nascem mais cedo e são mais perfumadas que em outros lugares. Sem dúvida, o senso de proporção não é observado nessa geografia rudimentar, mas não deixa ser um começo de análise das formas terrestres. A comparação é feita, um vago estudo dos elementos começa a se esboçar nas inteligências humanas, a ciência da Terra começa a nascer. É verdade que o sentimento de propriedade, coletivo ou pessoal e, mais ainda, a comunhão de amor que um longo labor proporciona com a terra cultivada, contribui em grande parte para a compreensão mais íntima da natureza. Ninguém, nem povos, nem indivíduos, deseja que sua casa não figure entre as mais belas. Quem de vocês nunca acompanhou um camponês em sua caminhada emocionada pelos campos por ele trabalhados? Em determinados lugares, no entorno de um bosque ou na encosta de uma colina, ele observa com um longo olhar a terra que ama, da qual reconhece cada torrão, cada moita de arbustos e, agarrando seu braço, para fazer você vibrar com ele, exclama: "Esta não é a região mais bonita do mundo?"

É por um sentimento análogo que tantas cidades, tantos lugares tidos como sagrados, foram considerados como se fossem o centro da Terra: Varanasi, Jerusalém, Delfos, Roma, Paris, "a cidade-mãe" de que fala Victor Hugo. Na realidade, como vocês sabem, o centro da figura que representa as terras emersas, tomando o estreito de Bering como a linha divisória entre os dois hemisférios, coincide mais ou menos com Londres, ou suas proximidades. Mas o cálculo geométrico preciso, até onde eu sei, ainda não foi feito. Quem sabe um de vocês não poderá fazê-lo? Um trabalho mais interessante seria pesquisar onde se encontra atualmente o centro de equilíbrio entre as populações do ponto de vista numérico. Não seria esse outro mapa que um de vocês também poderia elaborar?

Com o amor à terra e o orgulho de sua posse, todos os sentimentos e todas as paixões humanas deram sua contribuição nas origens da Geografia comparada. O medo do desconhecido, o sentido de mistério, conferiram importância capital a determinadas montanhas, lagos, e até mesmo a simples cavernas ou a um filete d'água fluindo na areia. Todas as grandes montanhas surgiram seja como deuses, seja como sua residência: o monte Meru⁷ nevado, refletindo no alto do céu os raios

⁵ Ver Léon de Rosny, *passim*. (Nota do autor)

⁶ Povo nativo que habita a península de Tchukotka, no nordeste da Rússia, e partes adjacentes do Alasca. (N.T.)

⁷ Montanha sagrada (por alguns associada aos montes Pamir, na Caxemira), presente nas cosmologias hindu, jainista e budista onde é considerada o centro do universo. (N.T.)

que ainda não vemos ou refletindo aqueles que não vemos mais; o Sinai, com suas bordas avermelhadas, entre as quais fluem nuvens de poeira vibrantes e musicais; os Olimpos da Ásia Menor e da Grécia, que tão graciosamente se elevam, de centelha em centelha, sobre as águas azuis. Cada fenômeno incompreendido tinha sua lenda. O lago de Averno⁸, cujos vapores tóxicos, agora esgotados, mataram pássaros durante o voo, era visto como a porta de entrada para o inferno. O gélido rio Estige (Styx), no qual os perjuros, tremendo, estendiam a mão direita, desapareceu para entrar também no mundo infernal; e aos filetes aquosos de Lerna, jorrando no pé de um rochedo, fazendo ferver a areia, eram uma hidra de mil cabeças, emergindo de regiões misteriosas onde revivem os mortos. A Terra, de uma extremidade à outra, é assim delineada por formas precisas, constituindo muitas individualidades distintas, saliências e reentrâncias do solo, águas paradas ou correntes, transformadas, pela veneração ou pelo medo, em pessoas reais ou em deuses, gênios ou monstros. Dizem que em Olímpia havia mais de três mil estátuas ao redor dos templos, mas no grande templo da Terra, quanto ainda mais haveria de monumentos, provavelmente de origem religiosa e para os quais remetiam-se as homenagens dos povos! Um mapa-múndi mostrando todos os lugares que foram considerados sagrados, ou que ainda o são, estaria coberto com nomes que revelariam aos nossos olhos as relações do homem com a Terra: primeiramente ingênuos e medrosos, como aquelas de uma criança; depois, tradicionais e costumeiros, sem ímpeto; e, gradualmente, transformadas pelo conhecimento preciso, em simples noções, que acabamos esquecendo.

Entre todos os lugares venerados pelo homem, aqueles considerados há mais longo tempo como seres divinos são os que em nossa língua foram denominados de “paraíso”, provavelmente uma palavra persa de origem relativamente recente – no máximo quatro mil anos – pois se aplicava, segundo relatam, a um parque de caça que estava reservado a algum grande soberano de Média⁹. Muito antes desse personagem e de suas façanhas cinegéticas [de caça], existiram outros paraísos, além de Elvend e Demavend, todos eles lugares reputados maravilhosos pela pureza do ar, pelo frescor das águas correntes, pela beleza e variedade de vegetação e pela abundância de caça. E quase todos esses paraísos possuíam, além de sua própria beleza, um elemento que os embelezava infinitamente: a nostalgia. Povos tiveram que deixá-los em virtude de alguma invasão de inimigos, de dilúvios ou terremotos. Eram vistos como paraísos, sobretudo porque haviam sido perdidos. Mas, desde tempos imemoriais, assim como paraísos de nostalgia, também existem os paraísos do desejo, as “terras prometidas”. No alto das montanhas brancas e vaporosas no céu azul, ou bem além do horizonte, do outro lado de um rio, de um lago ou de um braço d mar; rumo a regiões misteriosas, onde vemos o nascer do sol, em direção a outras regiões, onde o astro se punha na púrpura das nuvens, enfim, em direção a todos esses lugares desconhecidos buscados pelos pássaros voando em bandos triangulares, não seria nestes lugares que a humanidade encontraria a região dos sonhos, o lugar sagrado, onde não haveria mais fome, nem sede, nem cansaço, nem escravidão, nem morte?

Cada raça, cada povo, cada tribo tem assim seu paraíso. A história geográfica nos permite encontrar centenas deles, sobressaindo-se como pepitas de ouro ao redor do planeta, das montanhas do Japão ao Eldorado do Novo Mundo. Mas os paraísos pertencentes ao nosso ramo de civilização, conhecida como ariana, são os únicos cujos nomes nos são familiares.

A amplitude da Geografia chinesa e a monotonia das lendas relacionadas às regiões sagradas do Extremo Oriente dispensam-me de mencionar aqui os paraísos distantes da Ásia que não sejam o Fujiama [monte Fuji] dos japoneses, o “Sem Igual” ou o “Sem Fim”, o vulcão que, segundo a lenda, surgiu repentinamente em apenas uma noite para servir de trono aos deuses. Seus habitantes

⁸ Lago em cratera vulcânica na região de Campania, sul da Itália. (N.T.)

⁹ Média era uma região da Pérsia localizada no atual noroeste do Irã, e que sediou o Império Medo entre os séculos VII e VI a.C. (N. T.)

possuíam, outrora, um segredo para não morrer, e o imperador Tsinchi-Hoangti, o Carlos Magno da China, enviou para lá, diz-se, um grupo de mil adolescentes para extrair de suas fontes o elixir da imortalidade. Os japoneses atuais, embora tenham deixado de ser crentes, mantendo-se como artistas e admiradores da natureza, ainda veem na magnífica montanha a glória e como se fosse o protetor de seu país.

A Índia, onde se aglomeram tantos povos com religiões muito diversas, também é coberta por lugares místicos, nos quais viveram ou viverão os abençoados, se acreditarmos nesta ou naquela lenda. Todos os altos cumes, que isoladamente comandam as planícies ou o mar – como o pico de Adão, na ilha do Ceilão, acima da praia dos rubis, e, no Himalaia, as montanhas de onde brotam as fontes dos grandes rios – foram considerados paraísos. Vemos mais de dois milhões de fiéis na “porta do Ganges”, perto de Haridwar, cobrindo com suas tendas uma área maior que a de Paris. Mas raros eram os “peregrinos aventureiros” que, precedidos de uma bandeia com a imagem do deus da Morte, conseguiram penetrar até as gargantas superiores para lançar na torrente glacial os tufos de ervas representando seus pecados. Aqueles que retornam da perigosa jornada feita à “Fonte da Vaca”, ou seja, no alto da geleira de onde brota o Ganges, ainda veriam o imenso anfiteatro nevado de Rudra-Himaleh surgir no horizonte, inacessível e misterioso. Os poetas podiam descrevê-lo como quisessem, e contemplar em sua imaginação o cume do Mero cercado por outros cumes, prata, rubi, água-marinha, perfurados por cavernas que davam lugar aos quatro animais sagrados: o elefante, o leão, a vaca e o cavalo, que simbolizam os quatro rios: Satledj, Indo, Ganges e Tsambo. Os leitos fluviais se desenvolveram primeiramente como um círculo ao redor da cúpula de ouro, depois, atravessaram os desfiladeiros e as planícies para formar o oceano. Este paraíso do Mero estava sobre as montanhas, estava no céu? Os picos brancos, vaporosos como nuvens, ou brilhantes como metais ou pedras preciosas, ainda tocavam o chão, mas os deuses estavam sentados ali sem precisar descer do empíreo¹⁰.

Na vertente oposta dos cumes que separam o mundo gangético do mundo ocidental existem outros paraísos tradicionais que as lendas judaica e cristã nos fizeram conhecer. O mais famoso, o Jardim do Éden – de onde o anjo com a espada flamejante banuiu o primeiro casal humano tentado pela serpente – estava, certamente, na memória dos semitas que o descreveram para nós como o lugar de onde seus primeiros ancestrais tiveram de fugir. Em suas migrações distantes, eles lamentaram essa pátria perdida da mesma forma que, mais tarde – transportados sob os salgueiros da Babilônia, neste mesmo Jardim do Éden que um dia lhes pertenceu, mas onde mestres cruéis agora comandavam – lamentaram por sua cidade de Jerusalém, transformada, também pela memória, em uma espécie de paraíso. Um grupo de palmeiras, que surgiu na confluência de Korna sobre as águas reunidas dos rios Tigre e Eufrates, sinalizaria, dizem, o próprio local onde a árvore com o formidável fruto se levantou, que – nos dando o conhecimento do bem e do mal – fez de nós, assim, se compreendermos bem o mito, homens aprendendo sobre a verdade por sua própria conta e risco, passando dolorosamente do estado de ignorância para o do estudo e do conhecimento. As ruínas de Eridu, a “cidade do Bom Deus”, talvez a cidade mais antiga da Caldeia, se espalham pelo solo próximo à confluência, nas duas margens do Eufrates, e foi também um dos “centros de Terra”.

Os paraísos de outros povos antigos, ignorados pela história dita “sagrada”, não deixaram a mesma marca que a do Eufrates na imaginação dos ocidentais, mas a sua gênese foi a mesma. Imaginam-se todos como tendo existido além dos tempos históricos, ou como existindo além dos limites do mundo conhecido. A “Idade do Ouro”, que, de decadência em decadência, deveria suceder à “Idade de Ferro”, era tida, para todos os ancestrais do Mediterrâneo, como um tempo de inocência, paz e felicidade. Os míticos arcadianos, alimentados com os frutos do carvalho, deixaram uma

¹⁰ Esfera celeste mais distante e mais pura na cosmologia antiga, também associada ao paraíso. (N.T.)

lembrança de sua vida afortunada, de seus costumes virtuosos, que aparece até hoje refletida na arte e na linguagem. Os navegadores feácios, mais hábeis que Ulisses, teriam sido capazes de transformar o oceano tempestuoso em um tranquilo lençol de água e, sem leme ou remo, viajaram para os confins do mundo para visitar os deuses. Até os cruéis romanos tinham como ancestrais homens simples, gentis e bons, imigrados de Arcádia com seus rebanhos.

Nos tempos históricos, não havia mais nenhum traço dessas populações lendárias, mas por toda parte, oriental, meridional, ocidental e setentrional, a idade de ouro se supunha prolongada para os homens que viviam de acordo com seus ancestrais. Em direção às nascentes do Nilo, no nascer e no pôr do sol, viviam os “amigos dos deuses”, os “impecáveis” etíopes, os mais belos, os mais altos, os mais parecidos com os imortais pela longevidade. Mais distante, a oeste, os jardins dos Hesperídeos floresceram nos vales da região que se tornou Cirenaica [na atual Líbia], os lotófagos viviam na ilha de Syrtes como em um doce sonho sem fim, e as ilhas “Afortunadas” salpicavam o oceano para além das colunas de Hércules. Mesmo um continente, a Atlântida, “maior que as duas partes do mundo, Ásia e Líbia”, tinha como habitantes populações felizes. Nas regiões do norte, de onde vinham os ventos e o frio, estendiam-se as terras dos hiperbóreos, “povos inocentes que nada sabiam sobre guerra e que jamais receberam a visita do impiedoso Nêmesis”. Entre eles, os idosos ultrapassavam a idade de mil anos, ou melhor, poderíamos dizer que eles não morriam: retornavam aos deuses, precipitando-se do alto de um rochedo para as ondas do mar. Talvez seja necessário ver nesses relatos lendários um eco distante dos suicídios de idosos, muito frequentes entre os Chukchis da Sibéria. Além disso, a prova de que os gregos tinham um vago conhecimento dessas regiões é que atribuíam ao país dos hiperbóreos um dia de seis meses, alternado por uma noite da mesma duração: os homens do norte semeavam pela manhã, cortavam seu trigo ao meio-dia, colhiam seus frutos à tarde e os depositavam nos celeiros durante a noite. Mas o afastamento fez os gregos ignorarem o horror do gelo e das tempestades. Os próprios islandeses não imaginavam que na terrível cidadela dos vulcões Hekla, Katla, Skapta – defendidos por turfeiras instáveis, areia movediça, gelo, correntes de lava e frequentemente escondidos sob as cinzas projetadas no espaço, haveria um jardim maravilhoso, um oásis verdejante, banhado por luz e ar morno?

Embora o cristianismo, incapaz de satisfazer os pobres famintos de felicidade aqui embaixo, lhes mostrasse o paraíso no céu, “Jerusalém do alto”, para desviá-los das vãs esperanças terrenas, a ideia de uma terra de felicidade assombrava tanto a imaginação que, após a descoberta do Novo Mundo, corremos para essas terras do poente na esperança de encontrar ali o jardim de delícias perdido pelos ancestrais. Sabemos que Cristóvão Colombo não estava apenas procurando as costas orientais da Ásia, Índia, China e o misterioso Cipango¹¹, mas também esperava redescobrir o paraíso perdido. Quando chegou ao golfo de Pária¹², onde seu navio foi tomado pela poderosa corrente do Orinoco, ele acreditou que esse enorme corpo de água descia do jardim onde seus primeiros parentes haviam vivido na inocência. Nas costas de Veragua, ricas em ouro, o navegador, tão ávido quanto místico, fortaleceu ainda mais sua convicção e acreditou até mesmo ser o especialmente escolhido por Deus para se apossar dos tesouros necessários para a libertação do Santo Sepulcro. Ainda mais crédulos e cheios de confiança em um destino milagroso, Ponce de Leon, Pánfilo de Narvaez e Hernando de Soto procuraram, por anos, não os tesouros, mas a fonte da juventude que deveria curá-los de todas as doenças e assegurar-lhes a eterna juventude. Talvez nunca uma tal quimera tenha sido tão procurada, e com tanta insistência, e causando tantos desastres. Apenas um homem, um dos mais cruéis dessa época tão marcada por aventureiros terríveis, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, conseguiu escapar da morte. Mais tarde, outras expedições semelhantes foram feitas na América

¹¹ Cipango ou Zipango era o antigo nome dado ao Japão por ocidentais e chineses. (N.T.)

¹² Golfo entre a Venezuela e Trinidad Tobago, ao norte do delta do rio Orenoco, (N.T.)

meridional em busca de ilhas, lagos ou montanhas governadas pelo "Homem de Ouro", o *El Dorado*, cujo palácio erguia suas paredes de diamantes sobre um piso de safiras e rubis! Até o início deste século, caçadores de tesouros percorreram os Andes da Patagônia apenas para tentar encontrar a suposta cidade *de los Cesares* ou *Césares*, o último avatar do antigo paraíso terrestre, transferido de um mundo a outro pela imaginação dos homens. Assim como os nômades carregavam consigo seus deuses leigos para cada novo lar, os fundadores de novas nações também deslocavam seus paraísos enquanto viajavam em torno do planeta. Mas, pouco a pouco, esses paraísos perderam prestígio: o desgaste de séculos ofuscava seu brilho.

Entrando agora em uma nova era, em que os homens não têm mais a fé necessária para tentar descobrir paraísos perdidos em algum canto da Terra, eles não pretendem mais encontrar jardins naturais onde os frutos vêm espontaneamente até a mão que os colhe. Mantiveram, porém, seus interesses e suas paixões; o primeiro de seus direitos, inscrito até mesmo em algumas constituições, é a "busca da felicidade". Busca que certamente permaneceria sem efeito se não tivesse se tornado ciência e, conseqüentemente, não estivesse baseada na observação ou em experiências repetidas. No entanto, a observação é precisamente obra da Geografia e sabemos com que ardor ela é buscada. A medida astronômica da Terra, iniciada pelo grego Erastóstenes no vale do Nilo, foi retomada com mais rigor na Europa, na Índia, na Maurítânia, na América do Norte e nos Andes equatoriais e, atualmente, é conhecida com diferença de alguns quilômetros. Busca-se também aprender e representar detalhadamente toda a superfície do planeta, com as altitudes do relevo e a profundidade de suas depressões, com todas as características de sua forma externa, e esse imenso trabalho, inda que não concluído, pelo menos está bem encaminhado para um décimo da superfície continental. Os outros nove décimos estão cartografados de uma maneira ampla, e a cada ano aumenta a rede de mensurações precisas. Ao mesmo tempo, os homens estudam o potencial produtivo das terras e o conjunto de seus recursos anuais; os estatísticos procuram estabelecer, por cálculos aproximados, quantos bilhões de homens viveriam na Terra e constatam facilmente que ainda somos pouco numerosos em relação às multidões que a Terra poderia abrigar.

Assim, a observação, uma das duas metades do problema social, se faz a cada dia mais ativa. A experiência, o outro elemento necessário da solução, é realizada com o mesmo impulso, embora de uma maneira talvez menos consciente. Se não buscamos mais a descoberta de paraísos naturais, por todos os lados nos perguntamos se não seria possível criar novos Édens pelo trabalho e pela boa harmonia. O mundo mudou de direção: não olha mais para o passado. Centenas de colônias e falanstérios foram fundadas nos Estados Unidos, no México, no Brasil, na Austrália, e mesmo na velha Europa e na maciça África, pelas quais se busca, com maior ou menor êxito, estabelecer sociedades de trabalhadores felizes. Mas este é apenas um lado muito pequeno da experimentação geral. Além desses vários empreendimentos que tentam aplicar na terra as forças industriais, processos químicos e o poder solidário do trabalho livre, e que, na ausência de outro mérito, têm pelo menos um valor de estudo psicológico –, a sociedade inteira, com o turbilhão de suas diversas ações, tornou-se um vasto campo de estudos e experiências para a transformação geral das coisas. Enquanto os cristãos ainda esperam um milagre para tornar a Terra divina, sob o governo direto de um "Rei da Glória", outros homens têm como ideal humanizar a grande pátria, se unindo a ela de uma maneira mais íntima para torná-la uma morada de felicidade para todos aqueles que aí se encontram. Esse é o verdadeiro objetivo dos homens, e é com esse objetivo constantemente diante dos meus olhos que espero, meus amigos, proporcionar a vocês essa longa jornada de pesquisas comparativas através dos continentes e dos séculos.